

VOL. II

OUT. E NOV. DE 1896

N.º 10 E 11

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILUSTRADA DE MATERIAES E NOTÍCIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

PRÆHISTORIA — EPIGRAPHIA



NUMISMATICA — ARTE ANTICA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA

IMPRESSA NACIONAL

1896

SUMMÁRIO

- UM MONUMENTO NACIONAL.
AS LOUÇAS PINTADAS DO CASTRO DE SANTA OLAYA.
ANTIGO AQUEDUCTO DE LISBOA.
ANTAS DOS ARREDORES DE MACHÊDE.
AULA DE NUMISMÁTICA DA BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA.
DOLMENS DO CONCELHO DE VILLA POUCA DE AGUIAR.
MUSEU MUNICIPAL DA FIGUEIRA DA FOZ.
QUESTIONARIOS ARCHEOLÓGICOS.
NOTÍCIA DAS ANTIGUIDADES PREHISTÓRICAS DO CONCELHO DE AVIS.
GRUTA DA SENHORA DE CARNAXIDE.
PROTECÇÃO DADA PELOS GOVERNOS, CORPORAÇÕES OFFICIAES E INSTITUTOS SCIENTÍFICOS À ARCHEOLOGIA.
ACQUIZIÇÕES DO MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS.
SEPULTURA DE PEDRA.
NOTA À CÉRCA DAS FONTES.
EXTRACTOS ARCHEOLÓGICOS DAS «MEMORIAS PAROCHIAES DE 1758».
ANTAS E CASTROS DO CONCELHO DE ALLIÓ.
BIBLIOGRAPHIA.
A EXPOSIÇÃO DE VIANNA DO CASTELLO.
MUSEU EM VILLA REAL.

Este fascículo vae illustrado com 5 estampas.



O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLEÇÃO ILUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

VOL. II

OUTUBRO E NOVEMBRO DE 1896 N.º 10 E 11

Um monumento nacional

Neste verão procedi á exploração de alguns dolmens neolíticos no districto de Viseu, uns situados em terreno baldio, outros em terreno particular. Entre os dolmens situados em terreno baldio encontrei um que chamen particularmente a minha attenção, já pelo seu estado de conservação, pois consta de camara coberta, galeria inteira (quasi toda, porém, descoberta), e mais de metade da mamoa, já por conter em alguns dos seus esteios pinturas: fica no sítio dos Juncaes, perto da aldeia da Queiriga, no concelho de Sátão.

Entendi que este dolmen devia ser considerado como monumento do Estado, e nesse sentido dirigi-me ao digno Chefe da Repartição de Minas, o Sr. Prof. Severiano Augusto da Fonseca Monteiro, que, com o seu costumado zêlo por tudo quanto é do serviço público, e em especial do serviço da archeologia portugueza, que á boa vontade, intelligencia e sollicitude d'aquelle distincto funcionario muito deve, immediatamente obteve de S. Ex.ª o Sr. Ministro das Obras Publicas, **Conselheiro Dr. Campos Henriques**, auctorização para em volta do dolmen dos Juncaes se fazer um muro de vedação, como consta da Portaria de 5 de Outubro de 1896, pela qual o director das obras publicas do districto de Viseu foi encarregado de mandar proceder á respectiva obra. Louvores, pois, sejam dados ao nobre Ministro, que assim testemunhou tambem mais uma vez o apreço que lhe merece a conservação dos nossos antigos monumentos!

Não foi o dolmen dos Juncaes o unico que me revelou exemplos de pintura neolítica; outros dolmens achei na Beira nas mesmas circumstancias. Enquanto não trato do assumpto em artigo especial, deixo aqui menção do facto, que é por ora neste genero o primeiro assignalado nos annaes da arte neolítica de Portugal.

J. L. DE V.



As louças pintadas do castro de Santa Olaya

Laboriosas investigações, feitas durante tres annos, levaram-nos á persuasão de que o montículo de Santa Olaya, situado sobre os campos da margem direita do Mondego, entre Maiorca e Montemor-o-Velho, foi um castro lusitano, cujos habitantes receberam o baptismo da civilização romana.

Tinhamos já explicado a presença de muitos artefactos, principalmente os ceramicos, com feição primitiva, que faziam lembrar os tempos neolíticos, e de outros que poderiam pertencer á primeira epocha da idade dos metaes, chegando á conclusão de que todos, indistinctamente, pertenciam em realidade á plena epocha de ferro, quando o dominio romano avassalou a península.

Mas um facto restava inexplicavel para nós: era a presença de louças finas, trabalhadas á roda, algumas com fórmas exóticas e pintadas externamente. Tinhamos restaurado parte d'um grande vaso sem collo, com duas asas de fórma elliptica medindo no diametro interno da bôca 0^m,16 aproximadamente, cujo bojo augmentava gradualmente de diametro da bôca para a parte inferior, apresentando a restauração a fórma de um grosso cone truncado, mas sem vestígios do fundo: e esse vaso conservava na superficie externa restos de faxas pintadas a vermelho e branco, que seguiam o contórno do bojo.

Tambem tinhamos restaurado o boccão de outro grande vaso, medindo no diametro interno 0^m,19, com uma pequena porção do bojo, assim como uma parte d'este em separado, que apresentavam a superficie externa listrada transversalmente a vermelho e negro.

Alguns fragmentos de outros vasos eram inteiramente pintados a branco, outras a cinzento e com uma faxa vermelha junta ao bordo, e um em parte ornamentado com faxas vermelhas e brancas e noutra com traços vermelhos cruzando-se sobre fundo branco e formando lozangos.

A estrutura da pasta d'estas louças, a sua semelhança com outras não pintadas e a fórma da segunda peça restaurada pareciam denunciar uma origem romana; mas a fórma indicada pela primeira restauração e a pintura? Tal era o nosso problema.

Essa fórma não nos appareceu em estações genuinamente romanas do Algarve. Pertenceria só aos primeiros tempos do dominio romano, em que o castro foi habitado? Seria uma fórma caprichosa e excepçãoal? A primeira hypothese não repugnava, porque em Santa Olaya tambem ainda não apparecia essa ceramica coberta de uma especie

de verniz vermelho, com apparencia de coral, que alguns archeologos estrangeiros denominaram *samiata*, e que era imitação da ceramica de Arozzo. A ceramica aretina é do seculo I antes de Christo, e as imitações só posteriormente parecem ter-se generalizado em todas as provincias romanas. Nós encontrámos vestigios d'ellas em Marin e na Bôca-do-Rio, em Budens, e vasos inteiros ou quasi inteiros na necropole da Ponte-Velha, em Bensafra, estações evidentemente posteriores á de Santa Olaya.

Entretanto de colorido em vasos reconhecidamente romanos só tínhamos visto os exemplares com esse verniz. Estacio da Veiga dizia ter encontrado no Algarve, entre louças romanas, restos de vasos de fina argila vermelha, pintados de preto interna e externamente, e de outros vasos pintados de amarello com veios vermelhos nos dois lados¹. Seriam effectivamente romanas? Nós tambem tínhamos recolhido á superficie do solo, proximo á area da necropole romana de Ponte-Velha, alguns fragmentos de um vaso de argila vermelha, bastante fina, pintado externamente de negro, que podia ser alguma urna cineraria; mas a verdade é que nos depositos funerarios d'essa necropole não recolhemos exemplar algum de semelhante louça.

Por outro lado o mesmo Estacio da Veiga pensava que os arabes tambem tinham usado na peninsula louças pintadas, visto ter encontrado restos de vasos de argila amarella com pinturas, que classificara como arabes². Nem isto surprehende, porque a pintura das louças era antiquissima no Oriente, já os phenicios tinham espalhado esta ceramica na Syria. Perrot e Chipiez, referindo-se, por exemplo, a vasos d'essa especie encontrados no subsolo de Jerusalem, exprimem o seguinte conceito: «Or ces motifs, lignes parallèles qui donnent des bandes alternativement claires et foncées, lignes qui se coupent sous divers angles, points blancs qui s'enlèvent sur la teinte sombre, carrés, lozanges, triangles et méandres, sont de ceux que nous a offerts, bien des fois répétés, la poterie cypriote. On ne saurait refuser de reconnaître ici des ouvrages phéniciens, soit importés des villes du littoral, soit fabriqués à Jérusalem même par des artisans étrangers³».

Seriam arabes as louças pintadas de Santa Olaya? A affirmativa tambem não repugnava. Alli existia um castello, que foi occupado pelos arabes: pertencia á linha das fortificações avançadas que defendiam Coimbra.

¹ *Antiquidades monumentaes do Algarve*, II, 352.

² *Ob. cit.*, II, 425.

³ *Histoire de l'Art*, IV, 456.

Nestas dúvidas fomos surpreendidos pela noticia de que na necropole romana da Mény-Bury haviam apparecido muitos vasos pintados¹. A noticia podia não ter novidade em França e noutros países onde se tem estudado a fundo a archeologia romana; mas para Portugal o caso era diverso, porque todos aquelles a quem tinhamos interrogado sobre a pintura nas louças romanas nada puderam informar-nos.

Foi então que proseguimos com mais arder a exploração do *crasto*, a leste do Casal da Serra, na freguesia da Brenha, estação contemporanea da de Santa Olaya, recolhendo com todo o cuidado quantos fragmentos da ceramica appareciam, a fim de procurarmos entre elles algum exemplar com pintura; mas não obtivemos resultado.

Em seguida fomos explorar o sitio das *Chôças*, a uns 200 metros para o norte da Brenha, onde descobrimos quasi na planicie outra estação contemporanea d'aquellas. Ahi é que tivemos a fortuna de recolher, entre os rebotalhos de uma ou duas habitações, uns fragmentos de pratos romanos com vestigios de pintura vermelha.

O deposito, no nivel em que estes objectos foram encontrados, estava virgem de remeximentos. Nenhuma dúvida nos ficou de que eram contemporaneos da outra louça, caracteristica dos castros luso-romanos, alli recolhida; o que não podiamos dizer com segurança dos exemplares de Santa Olaya.

D'este modo, se o nosso problema não ficou inteiramente resolvido, é certo, pelo menos, que as louças pintadas de Santa Olaya podem agora, com muita probabilidade, reputar-se romanas.

Isto servirá de aviso aos que explorarem estações da mesma epocha em Portugal, devendo advertir que, sendo as pinturas raras e estando geralmente muito deterioradas, convem aproveitar todos os fragmentos de ceramica mais fina que se encontrarem nas explorações, e lavar com o maximo cuidado principalmente aquelles que tiverem a pasta avermelhada e muito macia.

A. SANTOS ROCHA.

« o estudo do passado não é uma vaidade inutil ».

A. HERCULANO, *Opusculos* (1886), v, 122.

¹ *Recueil Encyclopédique*, anno vi, n.º 131, pag. 170.

Antigo aqueducto de Lisboa

«Vestígios de antigas construcções observadas em poços, escadas e galerias abobadadas, que existem nas ruas dos Retrozeiros, da Prata e da Magdalena, e também no caminho das Aguas-Livres, à Porcalhota, Almarjão e Rascocira, e o exame da composição do cimento encontrado nestas ruínas, levam a crer que em remotas eras foi construído um aqueducto para conduzir a Lisboa algumas das aguas que nascem nas alturas superiores á cidade pelo lado do norte. Parece, sem contudo poder affirmar-se, que esta obra teria sido construída no tempo em que os Romanos occuparam a Península. . . . Confirma esta opinião o testemunho de Leonardo Torrealano, o qual, tendo vindo a Lisboa por ordem de Philippe III, para estudar o caminho por onde devia ser conduzida a Lisboa a fonte das Aguas-Livres, no seu projecto datado de 26 de Setembro de 1620, depois de indicar tres caminhos differentes (para a conducção das aguas) diz: «El quarto y ultimo camino, es por el aqueducto antiguo de los romanos»; e o engenheiro Carlos Ribeiro, em um relatório que publicou na *Revista das Obras Publicas*, em Outubro de 1879, diz: «pela minha parte dou também testemunho de haver encontrado vestígios de um aqueducto, que parece ter sido edificado parallelamente ao actual, mas 2 ou 3 metros mais baixo, e o qual, passando nas vizinhanças da porta do Principe, ou do Almarjão e Rascocira, está representado por lanços de parede e de canalização, feitos de argamassa e fragmentos de tijolo da antiga fabrica romana.»

A. P. DE MIRANDA MONTENEGRO.

(Da *Revista de Obras Publicas e Minas*, xxvi, 359-360).

Antas dos arredores de Machêde

(Concelho de Évora)

1. Ha uma anta na herdade do Paço; consta apenas de camara, baixa, com a entrada difficil, por estar obstruída.
2. Na mesma herdade, perto do monte do Perdigão, ha outra, também reduzida a camara, mas maior e mais alta que a antecedente.
3. Na herdade de Bencafêde ha outra, muito maior que a antecedente; também consta só de camara.

4. Na herdade de Parede, perto de um curral de bois, ha outra, de que só resta a camara.

5. Na herdade das Camaras, para poente de Machede, perto da estrada real que vae de Evora ao Redondo, ha a camara de outra, muito grande, já destruida em parte, e que mostra ter sido explorada, ou pelo menos mexida.

CESAR PIRES.

Aula de Numismatica da Bibliotheca Nacional de Lisboa

Anno lectivo de 1894-1895

Neste anno lectivo o curso constou de 44 lições.

Parte do tempo foi consagrada ao estudo da Numismatica geral; assumpto da Numismatica; divisões d'esta sciencia; nomenclatura numismatica, exemplificada em várias moedas antigas e modernas, a proposito das quaes se deram as necessarias indicações historicas, paleographicas, etc.

Outra parte foi consagrada ao estudo historico de diversas moedas romanas dos imperadores julianos e flavianos.

Os alumnos não só examinaram todas as moedas cujo estudo constituia propriamente cada lição, mas classificaram por escrito muitas outras.

Livro de texto: o de H. Cohen.

Anno lectivo de 1895-1896¹

O curso d'este anno constou de 47 lições.

Dividiu-se em quatro partes:

Parte I. — Numismatica geral: objecto da Numismatica²; nomenclatura desenvolvida; noções sobre falsificações; toque das moedas.

Parte II. — Elementos de história da republica romana; estudo de várias moedas relacionadas com esta história.

Parte III. — De como o estudo das moedas da republica romana pôde auxiliar o conhecimento da ethnographia e da história da Península Iberica:

¹ Cfr. *O Arch. Port.*, 1, 303.

² A lição, em que se tratou do objecto da Numismatica, foi publicada n.º *O Arch. Port.*, 1, 305 sqq.

a) preliminares sobre a história e ethnographia da Iberia, e especialmente da Lusitania, desde os tempos prehistoricos até á epocha romana;

b) moedas consulares que se relacionam com a Iberia.

Parte IV. — Revisão da materia ja dada; distribuição chronologica das series numismaticas; história summária da Numismatica. — Sobre a distribuição d'aquellas series cfr. *Elencho das lições de Numismatica*, I, 20. Na historia da Numismatica considereí estes pontos:

1. Collecções:

a) particulares;

b) museus publicos.

2. Sociedades, viagens e congressos.

3. Ensino official e particular;

4. Bibliographia:

a) tratados;

b) publicações periodicas;

c) catalogos de moedas e de obras litterarias.

5. Comércio de moedas destinadas a collecções e a estudo.

O desenvolvimento da Historia da Numismatica abrange:

Introducção (antiguidade classica);

1.^a *Epocha* (da idade-média até o sec. XVIII);

2.^a *Epocha* (de Eckhel até os nossos dias).

J. L. DE V.

Dolmens do concelho de Villa Pouca de Aguiar

N-*O Arch. Port.*, I, 36-37, falla o Sr. P.^e Raphael Rodrigues em especial de dois dos dolmens de Carrazedo do Alvão, no concelho de Villa Pouca de Aguiar. O Sr. Abbade Manoel de Azevedo, de Villa-Real, teve a bondade de me enviar photographias d'esses dolmens, as quaes, reproduzidas pela gravura, são hoje publicadas n-*O Archeologo*.

A gravura da fig. 1 corresponde ao dolmen mencionado em primeiro lugar no referido artigo, isto é, ao que consta de camara (composta de sete esteios) e galeria.

A gravura da fig. 2 corresponde ao dolmen mencionado em segundo lugar no mesmo artigo. Foi neste dolmen que appareceram as curiosas figuras de pedra a que se refere *O Arch. Port.*, II, 1-2 e 142.

J. L. DE V.



Fig. 1



Fig. 2

Museu Municipal da Figueira da Foz

Fundado em 1894, por iniciativa e dedicação do illustre archeologo, Sr. Dr. Antonio dos Santos Rocha, seu digno conservador, cujos trabalhos são já bastante conhecidos, secundado pela Ex.^{ma} Camara Municipal, de que é presidente o Sr. Dr. Joaquim Pereira Jardim, e por varios particulares, o Museu Municipal da Figueira da Foz é já um estabelecimento importante, e que merece ser visitado por todas as pessoas que, mais ou menos, se interessam pela historia do nosso país.

O Museu está provisoriamente installado no magnifico paço dos Condes da Figueira. Em frente do edificio ha um bello parque, no centro do qual foi montado o tumulo-dolmen da Cabecinha, explorado, assim como todos os outros d'este concelho, pelo Dr. Santos Rocha.

Os objectos do Museu estão distribuidos por uma galeria de entrada e por quatro salas, denominadas, segundo as secções, *industrial*, *de archeologia historica*, *de comparação* e *de archeologia prehistorica*.

GALERIA DE ENTRADA. — Nesta galeria estão varios objectos de archeologia historica, taes como um retabulo restaurado, do seculo XVI, que pertenceu ao mosteiro de Leixo; dois tumulos, um de lages calcareas, e outro de telha romana (*tegulae* e *imbrices*), encontrados no cemiterio luso-romano do Ferrestello, proximo de Maiorva. Ambos estes tumulos contém esqueletos na posição em que foram encontrados. Tambem nesta galeria se acham varios exemplares de ceramica romana (*amphoras*, etc.) e os dois cippos romanos, provenientes das explorações de Marim, no Algarve, descriptos pelo Dr. Rocha n.^o *O Archeologo Português*, I, 198 e 199.

1.^a SALA (Secção industrial). — Acham-se nesta sala os productos industriaes do concelho: vidros, e outros artigos da Empresa Exploradora das Minas e Industrias do Cabo Mondego; obras de tanoaria, ceramica, fundição, carpinteria, marcenaria, etc. Na parede ha elegantes trophes de instrumentos de pesca e da safra do sal.

2.^a SALA (Archeologia historica). — Encontram-se nesta sala objectos de bastante valor real e scientifico. Entre outros: uma collecção de moedas e medalhas, offerta do abba de Quinchães, o rev.^{do} Fortunato Casimiro da Silveira Gama, ha meses fallecido; varios quadros e tapetes; uma linda pintura em vidro; varios vestuarios do seculo XVIII

e do princípio do actual; leques e adornos femininos; cerâmica portuguesa (boiões de botica, tinteiros, etc.); diversas esculturas de pedra e de madeira; obras de talha, do século XVI, dos conventos de Seiga e Santo Antonio de Figueira; armas; ferros de picota, e um pulcão de pesos de bronze, com a data de 1499, pertencente á camara de Montemor-o-Velho; loiças de Inglaterra, Saxa, China, Talavera de la Reina, etc.; os fornos de Buarcos e Tavarode, e varios outros pergaminhos.

Das epochas *pre-romana* e *luso-romana*, encontram-se aqui muitos fragmentos de argamassa das citanias de Briteiros e de Alto de Santa Luzia (em Vianna do Castello), varias amphoras, uma das quaes de estylo greco-romano, proveniente de Valencia del Cid, e offerecida ao Museu pelo Sr. D. Francisco Cobes, um dos benemeritos d'este estabelecimento, e seu presidente honorario; muitas amostras de argamassas, tijolos, telhas; alguns vasos restaurados, taes como urnas cinerarias, vasos de vidro do genero *alabastrum*; uma espada ou adaga, pregos (*clavi*), restos de mosaicos romanos do Algarve, de Montemor-o-Velho, etc. Grande numero d'estes objectos são provenientes das estações romanas de Marim e de S. João da Venda, no Algarve, exploradas pelo Sr. Dr. Santos Rocha.

3.^a SALA (*Comparação*).— Nesta sala estão, elegantemente dispostos, productos indigenas da Asia, Africa e America, taes como armas, instrumentos musicos, tecidos, artefactos de palha e de madeira, etc.

Serve esta sala, como o seu nome indica, de comparação dos productos dos actuaes povos de civilização inferior com os artefactos que foram produzidos pelos homems das primeiras idades.

Tambem nesta sala se acha uma bem coordenada collecção de molluscos d'este littoral, organizada e offerecida pelo nosso amigo e collega o Sr. Augusto Goltz de Carvalho, de Buarcos, membro da commissão administrativa do Museu; esta collecção é de grande interesse para o estudo das conchas que tão abundantemente apparecem nas sepulturas e estações do homem prehistorico.

4.^a SALA (*Archeologia prehistorica*).— Nesta ultima sala encontra-se, devidamente installada, em oito armarios e tres mostradores, uma preciosa collecção de armas, instrumentos e restos de cerâmica dos tempos prehistoricos, paciente e trabalhosamente organizada pelo Sr. Dr. Santos Rocha.

No armario n.^o 1 estão moldagens dos celebres crânios de Furfooz, Cro-Magnon e Constadt e das maxillas de Naulette, Furfooz e



Cro-Magnon. Encontram-se tambem as moldagens de varios objectos achados pelo distincto geologo o Sr. Nery Delgado, nas grutas da Casa da Moura; e varios ossos humanos, um dos quaes com vestigios inequivocos de trepanação, provenientes do tumulo de Santo Amaro da Serra, e recolhidos pelo nosso amigo Goltz.

No armario n.º 2 estão os objectos grosseiros: nucleos, lascas de sílex, martellos, etc.

Nos n.ºs 3 e 4, alem de muitos fragmentos de instrumentos de pedra, nucleos e instrumentos mais ou menos apurados, está uma magnifica collecção de instrumentos neolithicos, taes como pontas de lança e de flecha, facas, raspadores, punções, agulhas, um collar de cristal de rocha e ribeirite, e uma bellissima ponta de lança triangular, de sílex, fracturada na ponta, e que mede até esta fractura, 0^m,32.

No armario n.º 6 está uma collecção de machados, alguns dos quaes de tamanho e belleza admiraveis.

Nos armarios n.ºs 5, 10 e 11, encontram-se alguns vasos de loiça primitiva, bastantes fragmentos de outros da mesma epocha, mós, collares, verticillos (fusaiolas), varios objectos de bronze, entre os quaes uma especie de *argola* que guarnecia uma manilha, da primeira idade dos metaes, como parece provar-se por varios descobrimentos feitos no Algarve.

Nos mostradores encontram-se muitos ossos humanos, conchas, etc.

Tambem está nesta sala, embora não pertença a esta secção, uma interessante inscripção ibérica, bem como varios ossos e collares de contas de vidro esmaltado, tudo proveniente da celebre necropole protohistorica de Fonte-Velha, de Bensafrim (Lagos), explorada pelo Sr. Dr. Santos Rocha.

Terminando aqui a nossa resumida descripção do Museu Municipal da Figueira da Foz, cumprimos o dever de fazer conhecido este estabelecimento, e os esforços do seu benemerito conservador. Oxalá que as outras municipalidades, que ainda não possuem museus, procurem a exemplo da d'esta cidade, por todos os meios ao seu alcance, colleccionar todos os objectos e documentos da sua historia, para que, depois de reunidos, se possa conhecer mais a fundo a historia do nosso país, e a dos povos que em differentes epochas vieram a esta parte da Peninsula Iberica!

Figueira da Foz, Julho de 1896.

P. BELCHIOR DA CRUZ.

Questionários archeologicos

A Comissão dos Monumentos Nacionais fez imprimir, em 1894, e distribuir por diversas pessoas, os seguintes questionários, com o fim de colher elementos para o estudo da archeologia portugueza.

J. L. DE V.

I. Questionario geral

Monumentos prehistoricos; antas ou antinhas; pedras levantadas, ou grandes marcos a que se liguem tradições; mamoaes ou mamunhas; cavernas ou grutas onde se encontrem vestigios ou testemunhos da passagem do homem, armas, ceramicas ou ossadas; cercas muralhadas; pedras de raio, armas ou utensilios de pedra lascada ou polida, achados isoladamente; ardosias lavradas.

Noticia de thesouros achados casualmente.

Antiguidades romanas, restos de povoações, edificios ou casas isoladas. Mosaicos, aqueductos, estradas e pontes, marcos de estrada, inscripções ou letreiros em pedras, templos e fortalezas, moedas, ceramicas ou objectos de barro, tijolos e telhas com marcas de oleiros, amphoras, objectos de vidro, etc.

Tradições locais; designações locativas, nomes de logares, aldeias, casas, montes, ribeiros.

Antiguidades romanicas e gothicas. Igrejas, torres, castellos. Signaes de constructores ou canteiros gravados nas antigas silharias. Sepulturas. Inscripções. Moedas.

Monumentos arabes. Fortificações ou edificios attribuidos a mouros, na voz do povo. Moedas. Designações locativas ou nomes de logares que pareçam de origem mourisca.

Monumentos portuguezes. Igrejas e ermidas, palacios, mosteiros, castellos. Solares de antigas familias. Tumulos. Cruzeiros. Padrões. Brazões. Sellos. Moedas. Objectos de mobiliario. Ornatos. Imagens notaveis em pedra, barro, madeira ou metal. Pinturas em madeira ou em tóla. Ourivezaria, custodias, cruces, calices, navetas, etc. Antigas baixellas. Tapeçaria. Bordados. Entalhados. Ferragens artisticas. Sinos. Pelles lavradas ou pintadas. Peças de vestuario. Relogios de torre e de parede notaveis. Cofres. Arcas. Bandejas e taboleiros. Relicarios.

Antiguidades a que se não possa marcar origem conhecida.

Noticia de retratos, estampas ou cartas geographicas, antigas.

Notas sobre o estado de conservação dos objectos mencionados.

2. Questionário militar

Montes fortificados, coroas; *castellos* e castros. Por exemplo: Citânia de Briteiros, no Minho; Tintinholho, próximo da Guarda; S. Romão de Ceia; Colla e Castro Verde, districto de Beja. Se tem uma, duas ou tres cêrcas. Avenidas, corredouras ou carreiras de cavallos. Calçadas. Vestígios de povoação. Se no recinto se encontram manufacturas, objectos de barro, de pedra, etc.

Muralhas romanas, torres quadradas, reparando no apparelho, silharia, cimentos. Fossos. Portas de volta redonda. Exemplo: Muralhas de cêrca velha, e arco de D. Isabel, em Evora.

Se ha torres ou muralhas em sitios hoje ermos ou sem povoado importante, ex.: o castello real de Vallongo.

Se nas proximidades tem apparecido moedas, inscrições lapidares ou outros objectos.

Cêrcas muralhadas apresentando modificações, juxtaposições, etc. Torres, bastiões ou cobellos, encostados ás muralhas, de construcção posterior.

Material empregado e seu apparelho; alvenaria sem ordem e construcção por fiadas parallelas.

Se no material empregado nas muralhas se descobrem elementos lavrados que mostrem ter pertencido a construcções mais antigas, por exemplo, muralhas de Faro e outras muitas.

Escadas no interior das torres, escadas de caracol, etc.

Pontes. Portas fortificadas. Portas de castellos. Designações locais e tradições que possam ter relação com o uso particular de torres, exemplo, a torre de *Mahora*, no castello de Montemor-o-Novo. Torres de castellos com usos municipaes, relogios, sinos da camara, etc. Castellos portugueses. Couraças. Cisternas. Barbacans. Caminhos subterraneos. Postigos. Poternas. Entradas. Ameias. Seteiras. Frestas. Angulos ou dentes de serra flanqueantes. Portas de cidade. Parapeitos sobre cachorros e vãos para artificios, guaritas e vigias. Ermidas, igrejas ou mosteiros isolados, com torres, ameias, etc.

Fortificações ou castellos a que se liguem factos historicos. Castellos que tenham servido de prisões do estado, S. Julião, Belem, etc. Castellos a que estejam ligados nomes de artistas, exemplo, S. Philippe de Setubal, a torre de Belem. Castellos comprehendendo edificações notaveis, Guimarães, Leiria, Montemor-o-Novo. Inscriptões de importancia militar, romanas, medievas ou nacionaes. Torres de solares antigos, por exemplo, a Torre dos Coelhoos.

Noticia das antiguidades prehistoricas do concelho de Avis

3. Anta da herdade do Assobiador

Além das *antas* exploradas no concelho de Avis, e de que muito resumidamente me occupei nos n.ºs 5 e 8 d-*O Archeologo Português*, I, 120 e 214, ha ainda outras; na primavera de 1893, procedi a excavações noutro monumento da mesma especie, embora menor, situado na herdade do Assobiador, margem esquerda da ribeira de Avis, a 15 kilometros pouco mais ou menos NO. d'esta villa.

Nesta herdade e na de S. Martinho, que com ella confronta, sei da existencia de cinco *antas*, presumindo que será ainda maior o numero d'ellas, sem contudo o poder precisar, porque, além do terreno ser muito accidentado e pedregoso, acha-se em grande parte coberto de mato difficilissimo de romper.

Como as minhas occupações me não permittiram explorá-las todas, dirigi os meus trabalhos simplesmente para aquella de que vou tratar, que mais me impressionou pelas differenças que notei entre ella e as que por mim já tinham sido exploradas.

Tem a fórma de um quadrilongo, ao contrario das outras, que são do feitio de palmatoria. Os seus esteios, de 0^m,50 de altura fóra da terra, a avaliar por um que entendo estar perfeitamente inteiro, eram seis de cada lado, norte e sul, quatro do poente e dois do nascente, formando uma porta de entrada.

Não encontrei nella vestigios alguns de galeria, e nas proximidades não me foi possível descobrir o chapéu, nem parte d'elle.

A exploração d'esta *anta* foi incompleta, porque, fazendo-a quando a terra, de barro forte, estava muito humida, era impossivel a crivagem, e por este motivo a colheita dos pequenos objectos, que por ventura ella tivesse, e que só o crivo pôde dar. Ainda assim, fiz juntar toda a terra do recinto da *anta*, reservando para tempo conveniente a conclusão dos meus trabalhos. Infelizmente fui precedido pelo arado do lavrador, que a mistrou com a outra, e destruiu quasi por completo este velho monumento.

Não obstante, consegui colher os seguintes objectos, ora existentes na minha collecção.

Ceramica. — Um vaso incompleto de barro grosseiro, sem vestigios de qualquer ornamentação, medindo 0^m,21 de diametro e 0^m,08 de altura; tem o fundo convexo e os bordos inclinados para dentro;

denota ter prestado muito serviço, attendendo a que as suas paredes, de espessura irregular, se acham gastas nalguns pontos, e aos muito visiveis signaes da acção do fogo.

Não foi empregada nella a roda do oleiro.

Machados.— Cinco machados de schisto (?) de secção trapezoidal, variando o seu comprimento de 0^m,07 a 0^m,13, a sua largura de 0^m,03 a 0^m,045 e a espessura de 0^m,028 a 0^m,04. Todos estes tem o gume sensivelmente plano e as suas faces mais ou menos polidas.

Um machado de schisto (?), de secção elliptica, de 0^m,11 de comprimento, 0^m,05 de largura junto ao gume, de 0^m,025 de largura no topo e de 0^m,037 de espessura. É polido em toda a sua superficie e tem o gume convexo.

Dois machados de schisto (?), alongados, de secção circular, de 0^m,15 de comprimento, 0^m,055 e 0^m,045 de largura e 0^m,04 e 0^m,032 de espessura. Tem as superficies mal polidas, os gumes convexos, um ligeiramente obliquo, e os topos fracturados.

Dois machados de schisto (?) verde, de fórma triangular, gumes ligeiramente convexos e faces bem polidas. Medem 0^m,103 e 0^m,08 de comprimento, 0^m,05 e 0^m,042 na maior largura e 0^m,012 de espessura.

Todos os machados tem os gumes tão apurados que parece terem sido afiados na occasião em que foram enterrados.

Objecto de sílex.— Um pequeno fragmento de faca de sílex escuro, de secção trapezoidal, com as arestas muito fracturadas.

Objectos de cobre.— Uma ponta de lança em bom estado de conservação, a não serem uns pequenos estragos na ponta, devidos certamente á humidade, cuja lamina tem 0^m,05 de comprimento e 0^m,023 na maior largura, e o cabo 0^m,055 de comprimento; a sua espessura é insignificante.

Uma ponta de lança como a antecedente, mas mais pequena, pois que apenas mede na lamina 0^m,035 de comprimento e 0^m,015 na maior largura, e no cabo 0^m,03 de comprimento.

Um objecto tambem de cobre, alongado, de secção circular, mais espesso no meio e com as extremidades um tanto deterioradas. Mede 0^m,06 de comprimento e 0^m,004 na maior espessura. Seria instrumento cirurgico?

Ponte-de-Sôr, Agosto de 1896.

M. DE MATTOS SILVA.

Gruta da Senhora de Carnaxide

N-*O Arch. Port.*, I, 182-189, publiquei um artigo em que creio ter deixado assente que a gruta da Senhora de Carnaxide, nos arredores de Lisboa, não passa de sepultura prehistorica transformada pela piedade christã em santuario de Nossa Senhora: facto este semelhante a muitos outros em que abundam os agiologios. No mesmo artigo indiquei os trabalhos que conhecia á cêrca da gruta. Como complemento d'essa indicação, e ao mesmo tempo como illustração bibliographica do assumpto, publico aqui os seguintes mimosos versos de um poema que o Sr. Thomás Ribeiro está elaborando, nos quaes se relatam as circumstancias maravilhosas do descobrimento da gruta:

Esse templo que alveja sobre a rocha
na margem do Jamor
tem por baixo uma gruta escura e fria,
onde uns moços da aldeia, acaso, um dia,
encontraram a Mãe do Salvador.
Imagem pequenina: miniatura
da oriental celeste formosura
que fôra Virgem, Mãe, Fonte d'amor.
Olhos tristes, mãos postas, face terna;
tinha um manto de seda já desfeito
pela humidade morna e pestilente
da lobrega caverna.
Ao pé, jarra de flores desvidrada,
além, não longe, em frente,
apodrido esqueleto,
desconjunetado, carcomido, abjecto!

Este quadro sombrio e fragmentado,
visto á luz vacillante d'uma tocha
pelo bando infantil que entrou de roço
no lobrego covil da esconsa rocha,
mostra, nas stalactites d'esse fojo,
vividros, tremulantes,
mil prismas iriados de diamantes
em torno á Mãe de Deus.
Grinalda argentea num docel de estrellas!
Fragmento angusto de equatorios eons!
E quantas d'essas joias debruçadas
além, sobre os destroços d'esse morto,
que ella guardava attenta e desvelada,
iam — estrellas a estrellas desmaladas —
caindo, como lagrimas da noite,
em cima d'essa dôr inconsolada.

Ó Mãe de Deus, que o viste ali morrer,
e na hora derradeira lhe assististe

sem teres já sequer,
um manto onde o miserrimo se acoite,
como o teu rosto era velado e triste!
Os romeiros gentis, que deslumbrados,
foram com brilhos taes, tanta agonia
viram na Mãe de Deus, que ajoelhados,
entoaram em câro:

— Ave, Maria,
cheia de graças mil, Deus é contigo,
fulge em teus olhos a divina luz:
és bendita entre todas as mulheres;
bendito o filho teu, doce Jesus.
Santa Maria que de Deus és Mãe!
agora e quando findem nossas dôres,
roga, pede por nós, os peccadores,
Amen!

E um grupo de aldeãs que entrado tinha
atrás dos filhos seus, naquelle instante
prostrando-se temente e supplicante
em câro respondeu:

— Salve, Rainha,
Mãe de misericórdia, nossa vida,
esperança e doçura, ouve estes brados
dos pobres filhos d'Eva, os degradados
neste valle de lagrimas e abrolhos!
Volve, Senhora, a nós, volve os teus olhos,
pharoes de tanta luz,
advogada nossa! e após tamanhas
penas, misérias, maldições d'um erro,
ao cabo do desterro,
oh! mostra-nos Jesus,
filho das tuas virginaes entranhas!
e, dignos das promessas do Senhor,
consegue-nos a paz e o seu amor.

Depois, um *Lava-pessas*; a invia gruta,
uma d'immensas ignoradas tumbas,
um misero ossuario,
tornou-a a fé sublime em sanctuario,
como foram de Roma as catacumbas.

Depois de longa porfiada lacta,
em hora da — *Senhora Apparceida* —
á Sancta Mãe do amor
ergueu-se o egregio templo,
a capella risonha que contemplo
sobre a rocha na margem do Jamor.

.....
THOMAS RIBEIRO.

Estes versos foram publicados primeiro no *Correio Nacional* e depois no *O Norte Transmontano*, de cujo n.º 77 (Setembro de 1896), para aqui se transcreveram.

J. L. DE V.

Protecção dada pelos Governos, corporações officiaes e Institutos scientificos á Archeologia

1. Excavações na Persia

«El Gobierno Persa ha concedido á Francia el privilegio exclusivo de praticar excavaciones en toda la extensión del imperio Persa. Los sitios santos y de veneración, como las mezquitas, capillas, cementerios, etc., están esceptuados é intangibiles. Un delegado del gobierno del Shah concurrirá á los trabajos de los exploradores, facilitará la execución de los trabajos y velará para que las condiciones de la autorización sean respetadas. Un miembro de la legación francesa asistirá igualmente á los trabajos de excavación».

(Da *Revista de la Asociación artistico-arqueológica barcelonesa*, 1, 70-71).

2. Sociedade de Archeologia christã de Athenas

As primeiras tentativas de colleccionação e conservação de antiguidades na Grecia datam de 1813. Depois que os Turcos foram expulsos do país, uma lei de 22 de Maio de 1834 regulou a conservação dos monumentos e as excavações archeologicas.

A principio o que absorvia os espiritos era o estudo da antiguidade classica; só posteriormente veio a ideia de estudar tambem os bellos vestigios da arte christã bizantina.

Em 1885 fundou-se em Athenas uma Sociedade de Archeologia christã, com o fim de criar um musen archeologico e artistico, estabelecer uma bibliotheca, e, enfim, estudar todas as antiguidades christãs achadas na Grecia.

A Sociedade teve como director o Dr. Lambakis, e recebeu o apoio da rainha Olga.

O seu musen, postoque começasse modestamente, já em 1893 contava mais de mil e oitocentos objectos; as viagens que com fins philanthropicos o Dr. Lambakis fez pelo pais contribuíram muito para enriquecer o musen, ao qual o Ministro de Instrucção Pública concedeu em 1890 a posse dos objectos que conviesse colhêr nos museus e nas igrejas, á excepção dos manuscritos que iriam para a Bibliotheca Pública. Contém o Musen actualmente quadros, vistas e planos de templos, paramentos religiosos, vasos sagrados, sellos, cruzes, etc.

A Sociedade fez uma exposição hagiographica em 1891; tem como orgão uma publicação periodica; e entre outros serviços prestados ao pais contribuiu para o resguardo e restauração dos ricos mosaicos do convento de Daphni, proximo de Athenas, que são obra do veneziano Novo.

Extrahi estas noticias do jornal inglês *The Athenæum*, n.º 3591, de 22 de Agosto de 1896.

3. Estudos archeologicos no Norte da Africa

O Ministerio da Instrucção Pública de França patrocina a publicação intitulada — *Musées et collections archéologiques de l'Algérie et de la Tunisie*, de que, até 1895, tinham sahido a lume os seguintes volumes: *Musée d'Alger* (1890), *Musée de Constantine* (1892), *Musée d'Oran* (1893), *Musée de Lambèse* (1895), *Musée de Cherchel* (1895). Naquelle data estavam-se preparando catalogos com relação a Philippeville, Thebessa, Tlemcem, etc.

Vide *Revue Archéologique*, 3.ª serie, XXVI, 200.

4. Inscrições do Baixo-Danubio

O Sr. Tôglás, com o auxilio do Ministro das Obras Publicas da Hungria, o Sr. Lukács, tambem erudito e archeologo, aproveitou a occasião de se fazerem trabalhos technicos nas cataractas do Baixo-Danubio, e restabeleceu definitivamente o texto das inscrições latinas gravadas nos rochedos. As inscrições eram tres, e já conhecidas ha dois seculos, mas, por causa de muitas difficuldades, tinham ficado

inaccessíveis. Tégulas descobriu mais outras. Estas inscripções referem-se a trabalhos de viação, e datam do tempo de Tiberio, Vespasiano e Domiciano.

Vide *Revue Archéologique*, 3.^a serie, XXVII, 381.

5. Trabalhos da Sociedade de Archeologia de Bruxellas

Do *Annuaire* de 1896 (tomo VII) da Sociedade de Archeologia de Bruxellas consta que esta benemerita Sociedade, durante o anno de 1896, mandou proceder a diversas excavações archeologicas em Anderlecht, em Masnuy-Saint-Jean, Campine, Chameleux, alem de outros trabalhos que empreendeu.

No mesmo *Annuaire* se dão agradecimentos aos Ministros da Fazenda e das Obras Publicas da Belgica, e ao burgomestre de Laeken, pelos auxilios por elles prestados á Sociedade, no campo da Archeologia.

•

Essas e outras noticias semelhantes, que irei publicando, devem servir de estímulo aos nossos Governos e corporações officiaes e scientificas, para não descurarem o estudo das antiguidades nacionaes, que precisa de ser amplamente desenvolvido, enquanto é tempo, enquanto o camartello destruidor não acaba de apagar o que nos resta do passado.

J. L. DE V.

Acquisições do Museu Ethnographico Português

43. Adquiriram-se para o Museu, por compra feita ao Sr. juiz de direito Dr. Bernardo de Albuquerque Silva e Amaral, de Mangualde, os seguintes objectos:

a) uma pequeno figura de bronze que representa um animal do genero *Bos*, deitado;

b) um pedestal da mesma substancia, em forma de pé de calix.

Estes objectos foram achados ha annos em excavações feitas em Safára, comarca de Moura. Parece serem da epocha luso-romana.

44. Comprou-se e entrou no Museu o seguinte:

a) uma conta de vidro romana;

- b) um fragmento de vaso de vidro romano, com ornatos;
- c) um sinete de bronze.

Os dois primeiros objectos foram achados em Beja, ao pé da estação do caminho de ferro, num local em que tem apparecido outros objectos romanos. Do terceiro objecto, que é muito posterior á epocha romana, ignora-se a procedencia.

45. O Sr. Gouveia Hortas, da Aldeia da Mata (Crato), enviou para o Museu, como offerta:

a) quatro placas de schisto ornamentadas (prehistoricas), achadas na anta da herdade da Lameira;

b) um *pondus* romano, de barro, achado perto da Aldeia da Mata.

O Sr. Gouveia Hortas permite, com a maior generosidade, ao director do Museu Ethnographico a exploração da referida anta, e este procederá a ella na primeira occasião disponivel.

46. Entraram no Museu dois machados de pedra polida, encontrados nos campos de Liceia (Barcarena). Ao pé de Liceia ha um castro neolithico: cfr. *O Arch. Port.*, I, 5.

47. Monsenhor Conego Pereira Botto, conservador do Museu de Faro, offereceu ao Museu um pequeno cylindro prehistorico de calcaeo, achado no «castello» de Pragança.

48. Da estação luso-romana de ao pé da quinta do Cidral (Alguber, antigo concelho do Cadaval), explorada pelo adjunto do Museu Ethnographico, o Sr. Maximiano Apollinario, em Novembro de 1895, vieram para o Museu os seguintes objectos:

a) sete *pondera* de barro, uns inteiros, outros fragmentados (um d'estes com marca);

b) diversos fragmentos de barro saguntino, alguns já sem verniz (de um dos vasos recompõe-se theoricamente a forma).

Esta estação archeologica foi descoberta pelo Sr. José Maria Fogaça, de Alguber, que logo communicou o facto á direcção do Museu Ethnographico.

49. Das antas neolithicas de Carrazeda do Alvão vieram para o Museu, em Outubro de 1895, outros objectos, alem dos mencionados n-*O Arch. Port.*, II, 142, n.º 28; são elles:

a) uma pequena figura de pedra, que representa uma cara, ao que parece, humana;

- b) um pequeno percutor de pedra;
- c) uma pedra arredondada, que parece tambem percutor;
- d) varios fragmentos de percutores e outras pequenas pedras.

O objecto do § a foi offerecido pelo Sr. P.^o Raphael Rodrigues; os outros objectos foram encontrados na occasião em que visitei a necropole, em Setembro de 1895.

30. Da *orca* dos Fiaes (na Beira-Alta) veio para o Museu uma ponta de setta de pedra, encontrada pelo Sr. Maximiano Apollinario, adjunto do Museu.

31. Do concelho de Mangualde trouxe o director para o Museu:
- a) um machado de pedra, achado em Lobelhe;
 - b) outro menor, achado em Vallongo, ao pé de Gandufe.

32. O Sr. Dr. Horacio Ferrari enviou para o Museu quatro objectos da idade da pedra, dos typos que vulgarmente se chamam *machados*, — sendo um proveniente do Monte-Lavar (Sintra), e tres de Atougua das Cabras (abas da Serra de Monte-Junto, concelho de Alemquer).

33. Entraram no Museu tres machados neolithicos, adquiridos pelo director nos arredores de Setubal.

34. Do *castro* pre-romano da Rotura, nos arredores de Setubal, explorado pelo adjunto do Museu Ethnographico, o Sr. Maximiano Apollinario, em Março e Abril de 1896, com auctorização do dono do terreno o Sr. Antonio Maria de Almeida Garcia Fidié, de Setubal, vieram para o Museu os seguintes objectos:

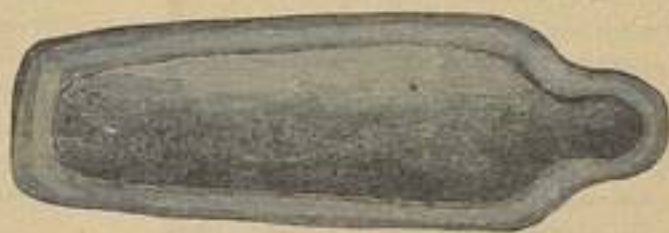
- a) diferentes fragmentos ceramicos, com ornamentação variada;
- b) tres fragmentos de pesos de barro;
- c) tres pontas de setta, de sílex;
- d) uma faca de sílex, varios fragmentos de outros instrumentos, e diversos estilhaços;
- e) dois tubos de paus do ar, um ornamentado e outro liso, — e dois fragmentos;
- f) uma conta de ribeirite, e metade de outra;
- g) um pequeno pingente;
- h) duas laminas de metal (cobre ou bronze) serrilhadas, e um fragmento (guine) de instrumento cortante.

J. L. DE V.

Sepultura de pedra

Por várias vezes se tem fallado n' *O Archeologo Português* de sepulturas de pedra, umas avulsas, em forma de pias, outras abertas em rochedos naturaes: vid. o indice do vol. I, s. v.

Havendo-me sido permitido percorrer um Relatório que o engenheiro Sr. J. H. von Hafe enviou em 1883 ao Ministério das Obras Publicas á cerca das ruínas de Panoias, de lá extraiu para aqui o desenho de uma que aquelle engenheiro encontrou ao pé do Assento de Val de Nogueiras, termo de Villa Real de Tras-os-Montes. Lê-se no Relatório: «Vi tambem uma pedra sôta, em parte enterrada, tendo uma forma especial, que parece de sepultura. Existem várias pedras com esse feitiço na Lixa de Alvão, e em mais pontos do concelho de Villa Pouca de Aguiar».



Escala — 1 : 15

Não ha dúvida que taes pedras são sepulturas. Nos lugares que o Sr. von Hafe indica, isto é, junto do Assento e no concelho de Villa Pouca de Aguiar, vi tambem em 1895 sepulturas de pedra analogas.

J. L. DE V.

Nota á cerca das fontes

Ha no nosso país grande variedades de fontes, ao que já me referi na *Revista Lusitana*, III, 228 e 234. A este proposito umas regiões offerecem mais materia de estudo do que outras. Numa viagem que em Agosto e Setembro do corrente anno fiz pela Beira tive occasião de observar muitas fontes, de architectura curiosa: umas, com um arco, tendo em cima uma cruz entre duas pyramides; outras com braços de armas, da familia a que pertencem.

Em Junho de 1894 estive na quinta de S. Mamede da Rôliga (cunha de Obidos) pertencente ao Sr. Francisco Guilherme de Castro, e ali vi uma fonte do século XVI com uma inscripção latina; a água sae da bôca de uma carranca, e em volta d'esta lê-se: VT VNDA VNDA PELITUR DIES DIE 1580, o que significa: «Um dia é impellido por outro dia, como uma onda por outra onda», isto é, — o tempo vai passando como a água que corre.

Na célebre fonte do Satyro, da cêrca do convento de Bemfica, ha tambem uma inscripção que, se não é igual á precedente, é muito semelhante. Na impossibilidade de ir agora a Bemfica copiá-la, o que farei na primeira occasião disponivel, contento-me com transcrever para aqui o que diz Fr. Luis de Sousa: «E porque entre gente, que professa lettras, é bem que nem nos satyros se ache rudeza, faz lembrança este nosso, a quem folga de o ver com um verso latino



Escala — 1 : 7

entalhado em pedaços de marmore negro, que correm a vida e os annos sem parar, nem tornar a trás, ao modo d'aquelle licor, que lhe sae das mãos»¹.

Num relatorio manuscripto, enviado pelo engenheiro Sr. João Henrique von Hafe ao Ministerio das Obras Publicas á cêrca das ruínas de Panoias, vem o desenho de uma pedra de grês que elle encontrou no lugar do Assento de Val-de-Nogueiras, termo de Villa-Real de Trás-os-Montes, e que suppõe ter pertencido a uma fonte. Publico aqui o desenho; nelle se lê a inscripção: *Renovabitur ut Aquilae Juventus tua in Fonte*, que significa: «nesta fonte se renovará a tua mocidade, como a da aquia». A primeira parte da inscripção, isto é, *Renovabitur ut*

¹ *Historia de S. Domingos*, Lisboa 1767, Parte II, liv. II, cap. 3, pag. 25.

aquilae juvenus tua, pertence ao psalmo cii de David, que dirige tal expressão á sua alma. O artista deu vulto ao versículo, figurando uma águia a dirigir o bico, segundo parece, para a argola da tampa de uma fonte ou poço. O que não posso dizer é se a phrase *in fonte*, que foi acrescentada á sentença bíblica, se lhe encorpora, constituindo esta assim uma applicação mais clara á água, ou se serve apenas de rotulo, para indicar que alli está uma fonte. Foi na primeira hypothese que traduzi a inscripção por inteiro. O mais provavel porém é que o artista quisesse indicar os dois factos, collocando pois o resto da inscripção junto da propria tampa do reservatorio de agua, para que não houvesse dúbida á cêrca do sentido, — ser tão boa a água, que de velhos fazia moços. Aquelle passo do propheta David foi interpretado por Santo Ambrosio como significando a graça do baptismo: assim como a águia renova as pennas, e alcança idade provecta, assim a alma, pela graça do baptismo, póde libertar-se do peccado, e como que rejuvenescer. Ponho aqui as proprias palavras do santo: «*Ut autem intelligas quia de gratia baptismatis Propheta loquitur, innovationem ipsam aquilae comparavit, quae avis assidua commutatione habitus sui longam ducere fertur aetatem, et vetustis jam fatiscentibus plumis nova pennarum successione juvenescere, ita ut depositis antiquitatis exuviis, rediviva indumentorum nativitate se vestiatur*»¹. Vê-se como, sob o aspecto mystico, era justa a comparação da água da fonte com a do baptismo, por intermedio da águia. Quem desejar ainda mais alguns desenvolvimentos sobre o assumpto consulte a erudita obra de Aldrovandi, intitulada *Ornithologia* (em latim), Bononiae 1599, lib. 1, pag. 67 e 68. — Assim fica explicado o sentido da escultura e da inscripção da fonte do Assento, que não é anterior ao seculo XVI; se gastei poucas palavras na explicação, porque não me sobra tempo para palavreados, nem por isso deixei de trabalhar algumas horas; valha-me ao menos o ter trabalhado entre livros santos!

Innumeros outros exemplos de fontes com versos e sentenças se podiam aqui inserir; mas por agora limito-me a estes, deixando outros para novo artigo. Entretanto, se a algum leitor aprouver enviar para *O Archeologo* notas interessantes sobre o assumpto, de boa vontade se lhe publicarão.

O costume de adornar as fontes com symboles e versiculos é degeneração de outros mais antigos, de epochas em que as fontes se poetizavam e divinizavam. Não ha ninguem que não conheça as fontes

¹ D. Ambrosii *Omnia quotquot extant opera*, Basileae 1567, iii, 280.

de Arethusa, da Castalia, de Aganippe, de Bandusia. Este costume, porém, ao contrário de outros paralelos que existem no país, tem origem erudita, veio immediatamente para nós no tempo do Renascimento: nessa epocha o latim era em tal abundancia, que até jorrava da bôca das fontes! Os costumes paralelos a que me refiro são os das fontes santas e fontes mythicas, muito enraizados na tradição popular, e que provêm, sem interrupção, da antiguidade.

Uma das fontes sagradas mais notaveis do nosso país, na epocha preromana, era a do deus bracero *Tongonabiagus*, que ainda hoje existe em Braga, e de que publicarei proximaemente n-*O Archeologo* um estudo desenvolvido; o nome d'este deus, cuja leitura correctea eu fui o primeiro a dar, será de origem celtica, e revela na divindade attributos curiosos. Dos tempos romanos temos, por exemplo, a fonte santa de Bencatel, consagrada aos deuses *Fontanus* e *Fontana*. Com a introdução do Christianismo, e as successivas mudanças de civilização, as fontes pagãs receberam designações christãs (*Fonte de S. Gualter*, *Fonte da Senhora do Carmo*) e outras um tanto diversas das primeiras (*Fonte da Moira*); mas, pelo conhecimento geral da historia das religiões, pelas lendas e pelas superstições adjuntas (banhos santos, por exemplo), recompõe-se o seu caracter primitivo.

Do que acabo de dizer, conclue-se que as fontes do nosso país, dignas de estudo pelo seu caracter tradicional, se classificam, como me parece, em:

- a) fontes com caracter mythico (exs.: as *Fontes das Moiras*);
- b) fontes com caracter christão (exs.: as *Fontes Santas*, as fontes com painéis, cruzes, imagens);
- c) fontes com caracter litterario (exs.: as de S. Manede, Bemfica e Assento).

As duas primeiras classes são, como notei, mais antigas: o seu caracter provém directamente da antiguidade, embora fontes haja modernas que o recebessem por analogia com as outras. A última classe, com quanto em algumas fontes se leiam sentenças de caracter moral, o que aproxima as classes c e b, tem origem moderna, na epocha do Renascimento.

Levando mais por longe o estudo das fontes, poderíamos ainda considerar outras classes: como «fontes com caracter mais ou menos historico», por exemplo, a *dos Amores*, em Coimbra.

Extractos archeologicos
das «Memorias parochiaes de 1758»

32. Amarante (Entre-Douro-e-Minho)

Etymologia. — Inscriptões da ponte

«... a sua antiga fundação querem os auctores fosse dos Turdetanos da Lusitania, 360 annos antes da vinda de Christo, sem lhe descobrirem outro nome; athe que occupando os romanos os pousos Bacarros (*sic*), a cuja Jurisdição esta villa pertencia, o Cappitam Amaranto¹ lhe deu o seu nome que athe o prezente conserva. Iaz sepultado este nobre Cappitam romano no hospital de Sam Marcos da cidade de Braga, com esta Letra:

AMARANTVS SENEÇIONIS

·H·S·E·

«No ancho da ponte (*de Amarante*) para a parte desta villa dizem que antigamente estavam humas Letras que se mandaram picar sem se saber para que motivo que deziam assim

ESTES PILARES FES

P.^o P.^o ANO DE 92.

Ha tradição que Sam Gonçallo principiou a mandar fazer esta ponte no anno de 1247 e que durou 30 mezes a sua factura.

Dizem que no meyo della estaua hum Padrao que hoie nam apparece que tinha letreiro seguinte:

PONS ISTE CHRÔ² SERVAT

MARIA MATRI VIRG. DEI

IPSIS FAVENTIBUS AB SO-

LVTVS XXV · OCTOB. AEA

M · CC · XL · IX

¹ Parece effectivamente *Amarante* provir do nome proprio *Amarantus* (vilam Amaranti). *Amaranthus* era nome relativamente vulgar vid. *C. I. L.* Tom. II, indice. A inscripção transcripta tem o n.º 2472, vem já no *Dicc. de Cardoso* donde o auctor da memoria, provavelmente o mesmo que lhe offereceu os apontamentos, copia em grande parte. Outro nome de povoação derivado de nome romano parece ser *Sever* (*Severi*).

² Christo.

POST MENS XXX A SVA IN-
CHOATIONE.
CHRE DEVS SERVA PONTE-
MTVM IN HONOREM ET CO-
MMODVM SERVORVM TVO-
RYM ADEIFICATVM AMEN DEO
GRS

33. Amares (Entre-Douro-e-Minho)

Crastros — Estrada da Geira

«Contiguo e sobre eminente a esta freguezia está hum pequeno monte acastellado e fragoso chamado *Crastos-de-Amares* que no alto delle se acha hum pillar quadrado de doze palmos e pedra tosca levantado sobre huma penha, a cujo sitio chamão os moradores desta freguezia — A Santinha —. E havendo pessoas que passão de noventa annos não se acordão, nem ainda de ouvida de que servisse o tal pillar; e porque no alto delle se acha por forma, que mostra teve em si alguma couza engastada, persuadome, que nelle estaria alguma Imagem ou braço de Cruz.

Deste Lugar se avistão seis para sete Legoas para o Poente e para o Nacente duas legoas, para o Norte mea legoa, e para o Sul huma Legoa aonde se descobre a famoza hermita com a invocação da Senhora do Pillar situada em hum alto pinaculo de hum monte a quem produzio a natureza para ameias e emminencia e para muralhas humas altas e despenhadas fragoas, e no mesmo sitio se acha tambem dantigo e pello luguar inexpugnavel Castello-de-Lanhoso, edificio que muitos lhe dão a sua origem desde o tempo, que os Mouros occuparão esta Provincia». (Tom. III, fl. 480).

«Por entre esta freguezia e a de San Pedro de Figueiredo houve hum estrada, que a diligencia dos lavradores por lhe não chamar ambição, tem confundido com a agricultura. Os naturais da Terra lhe dão o nome — da Geira¹ — e os escriptores a apellidão — dos Ro-

¹ No cod. 1054 do *Archivo Nacional* a fl. 209 encontra-se uma copia com o seguinte titulo: «Estrada Militar do Gerez e antiguidades que comprehende a Geira»; não tem nome de auctor. Provavelmente foi d'aqui que se tirou uma nova copia para a impressão na *Revista Litteraria* do Porto. O estudo que mencionamos contém 38 inscripções. Sobre este assumpto vid. *C. I. L.* II, p. 639. Logo em seguida vem «Noticia da freguezia de S. João do Campo». Este codice pertence a uma numerosa colleção que um denominado Pinheiro copiou por sua mão em grande numero de cartorios e bibliothecas.

manos—que do Reyno de Galiza fizeram para a cidade de Braga; e como para aquella cidade havião de atravessar o Rio Cavado, he crível o fezerão por hum sitio chamado —Porto— donde vem o attribuirselhe a factura da Ponte chamada —do Porto— pois da fundação della não ha outras noticias, acrescendo que huma inscripção que se acha na mesma Ponte se asemelha a muitas que estão lavradas em alguns padroins que se achão na mesma Estrada desde a freguezia de Sam João da Balança até entrar no Reyno de Galiza, pella Portella de Homem». (Tom. III, fl. 484).

34. Ameixial (Algarve)

Tradições de mouros

«O sitio do Azinhal he chamão o Azinhal dos Mouros, porque nesta Aldea habitavão e assistião os mouros, e o sitio do Alagar da Serra, tambem assistião os Mouros, e ali tinham seu lugar da sera que hoje não ha vestígios, e so dizem, que no mesmo lugar estão humas cazas, em que vive hum morador». (Tom. III, fl. 515).

35. Ameixoeira (Extremadura)

Ethymologia popular. — Mouros

«O Lugar da Amixoeira ou Mixoeira (como alguns dizem) ha tradição que sua ethymologia he de Amixo, nome de hum mouro, que habitava nelle, e outros de sua nasção:.... (Tom. III, fl. 517).

«Em o principio, e alto do Lugar da parte do Leste, sitio que chamão das Covas (porque nelle se achavão as em que os Mouros¹ metião os seus fructos) ha a Ermiida de Jesus Maria José...». (Tom. III, fl. 522).

36. «Castello» de Amendoa (Extremadura)

«Nam he murada, só tem pegado a villa hum grande penhasco guarnecido de paredes velhas que se chama o Castello». (Tom. III, fl. 531).

37. Aramenha (Alentejo)

Ruinhas do Medobrega. — Memorias para a Academia de Historia. — Cova da Moura

«Perto desta Parrochial Igreja para a parte do sul se estam vendo na mesma planice os vestígios da Cidade da Aramenia, os quais são assentos de torres alicerses de cazas, e muralhas com muntas cantarias,

¹ Tambem os christãos, como ha exemplos innumerables pelo menos até o sec. XVI.

fabricadas com tam bem fabricados materiaes, que não he facil o fazer lhe despedir as pedras delles, por mais diligencia que se faça; nesta Cidade assistão os Arminios gentios, e por hum instrumento feito pello Escrivão da Camera que servio ha muitos annos na dita villa de Marvão consta que o Reverendo Padre Mestre Doutor Joam Gargão, religioso que foi da Companhia, lhe afirmou, quando se tirou informação semelhante a esta para a Academia deste Reino, tinha hum Livro em que constava que a ditta Cidade fora conquistada e demolida pello Emperador Julio Cesar, trinta annos antes da vinda de Nosso Senhor Jesus Christo, haverá trinta e oito annos que deste citio levaram para a villa de Castello de Vide hum grande portado de cantaria bem lavrado, que mostrava ser a principal da ditta Cidade, o qual puzeram na porta principal que de novo se fes para a dita villa, e fica para a parte do Sul, e se chama a porta da Aramenha; estava esta Cidade contigua a ribeira que a cercava pella parte do Nascente e do Sul; a terra em que esta Cidade estava situada está reduzida a cultura e nella se produs bom trigo e senteio. . . .¹ (Tomo IV, fl. 186).

«No principio deste matto (*da Caleira*) para a parte do Poente se acha no alto de humas das dittas pedreiras hum buraco de sinco palmos de largo pello qual se desce em profundidade de vinte palmos sempre por pedra firme e deste nasce hum fojo que se encaminha para a parte do Sul com dobrada largura, pello qual descendo outra tanta profundidade se entra em hum vão que terá mais de vinte palmos de largo e trinta de comprido com bastante altura e vai profundando se com semelhantes descidas sempre por entre pedra viva. No meio do mesmo matto em outro cabeça de outra pedreira junto a hum forno se acha hum coua grande chamada *a da Moura*, a qual ainda que está já munto entulhada, tem de profunda oitenta e quatro palmos e de largo do Norte ao Sul sincoenta e seis, e do nascente ao Poente quarenta e dous e para a parte do Norte tem hum foyo grande e largo que segundo as antigas tradições he muito comprido e foi feito para mineral de ferro segundo os vestigios que naquelle citio se tem visto; dentro desta cova nasce por entre a pedra viva a erva chamada *Lingua servina*, muito util para quem padeça inchasos no estomago». (Tomo IV, fl. 188).

¹ Borges de Figueiredo, «A archeologia nos Lusíadas», in *Revista Archeologica*, IV, 25 segg., na parte que trata de Viriato, dá um excellente resumo das antiguidades de Aramenha e da sua identificação com a cidade de Medobrega. No n.º 43 (*Arceias*), d'esta collecção, tambem se fala das ruínas da *Torre-do-Azinhão* identificadas com Medobrega. Cfr. *O Arch. Port.*, II, 54.

38. Arca (Beira)

Dolmen¹

«A vista desta Igreja, perto della distancia de hum tiro de espingarda, bem proximo a estrada, esta hum grande Lapam [= lapão] de pedra groça suspensa no ar sobre outra tres pedras postas ao alto, que sam da mesma qualidade de pedra grossa e muar (sic)², e tem de altura as postas ao alto doze palmos e meyo, e a dita pedra ou cobertura tem de comprimento vinte e hum palmos e de largura quinze palmos e meyo, e tem por nome a *pedra de Arqua*, e sempre conservou o mesmo nome the onde chega a memoria dos homens». (Tomo IV, fl. 215).

39. Arcos³ (Entre-Douro-e-Minho)

Antonio de Araujo de Azevedo, investigador de antiguidades

«Item. Floreceu nesta freguezia Antonio de Araujo de Azevedo, Cavalheyro da ordem de Christo, Cappitam de Infantaria, morader que foi na sua caza de Morilloens, famigerado em Literatura, compondo dois tomos das antiguidades da Provincia». (Tomo IV, fl. 243).

40. Arcos⁴ (Entre-Douro-e-Minho)

Castello-da-Porniga

«Esta situada pello pe de hum monte que se chama o Castello da forniga delle se descobre muitas serras e montes e a villa de Ponte de Lima e a beyra mar são Bartolomeu do Mar que dista coatro legoas». (Tomo IV, fl. 249).

41. Arcos⁵ (Beira)

Crasto

«Está situada esta terra em Campina, pegada em hu piqueno monte chamado de Crasto donde se descobre a Freguezia de Santiago da Monta que dista a esta meio coarto de Legoa». (Tomo IV, fl. 254 a).

¹ Deve-se talvez juntar ás designações já conhecidas para o termo *dolmen*, a de *arca*. Cfr. *O Arch. Port.*, II, 35; note-se que as medidas dadas ali pouco differem d'estas. — [No meu livro *Religiões da Lusitania*, vol. I, que está no prelo, trato d'este assumpto com algum desenvolvimento, e ahí fallo de *anta*, *orca*, *arcs*, etc. — J. L. na V.].

² [De certo *muar* está por *moar* — lat. *molaris*; cfr. *molaris lapis*. — J. L. na V.].

³ Igreja de S. Paio da Villa dos Arcos.

⁴ Termo de Ponte-de-Lima.

⁵ Termo da Villa de Aveiães-de-Cima.

42. Ardãos (Trás-os-Montes)

Fortaleza dos romanos. — Minas de mouros

«Há nos lemites desta freguezia quatro licerces de muros, que dizem ser antigamente fortalezas dos Romanos, hũ se chama o Muro da Murada outro o Muro da Malhõ, outro o Muro de Cunhas, outro o Muro da Ribeyra. Ha tambem humas concavidades que são em dois sitios, hum se chama as Batolas, e outro as Freytas, que dizem serem antigamente Minas dos Mouros e não me consta que nellas se tenha achado ouro, nem prata, nem que para isso se fizesse diligencia». (Tomo iv, fl. 316).

43. Areias (Alemtejo)

Ruínas de Medrobega

«No districto desta Freguezia, entre a fonte de que asima se fallou e Ribeiro de Val do Cano, se acha o sitio a que chamam torre do azinhal, aonde hera a Cidade de Medrobega (*sic*), da qual ha ainda vestigios grandes, que são alicerces de cazas e parte de hum torre grande com hum arco, e todo o terreno esta hoje reduzido a terras, em que se sãea pã, e se tem tapado muntas; da destruição desta cidade não achei noticia por ser munto antiga, mas parese foi tambem habitação de gentios, estava formada em huma meya costa para a parte do nascente e perto da Ribeira sobredita que lhe fica a vista e dentro da situação da dita Cidade se acha inda hoje hua fonte de Cantaria bem feita¹. (Tomo iv, fl. 360).

44. Arega (Beira)

Cabeça murada

«.....e entre estas trez villas (*Pampilhosa, Alvaro e Alvares*) se esta vendo hum alto monte chamado a Cabeça murada, onde fas divisão o Bispado de Coimbra, o Bispado da Guarda e o Priorado do Crato, de sorte, que no mais alto do dito monte, podem estar os ditos trez Prelados a hum Meza e qualquer delles no seu bispado². (Tomo iv, fl. 364).

45. Arganil (Beira)

Cidade de Argos?

«Sempre foy tradissam fora no sitio de Sam Pedro, em toda a sua planicie que he grande, a cidade de Argos, e por algumas partes desta

¹ Cfr. n.º 37 d'esta collecção.

² Cfr. n.º 16 d'esta collecção.

planícia se tem achado sepulturas de pedra e outras couzas. Esta planícia fica junto as Margens do Rio Alua, sitio muito acomodado para ser cidade, e por esta tradição dizem se derivou da cidade de Argos esta villa de Arganil». (Tomo iv, fl. 440).

46. Argeriz (Trás-os-Montes)

Muralhas de Mouros

«Nam he esta freguezia murada, só sim o pé do Lugar de Ribas desta freguezia ha em hum alto humas muralhas ja demolidas que dizem os antigos fora cerca de Mouros; nam ha Castello nem torre». (Tomo iv, fl. 466).

47. Ariz (Entre-Douro-e-Minho)

Ruínas

«Esté aquelle monte (*de Santiago de Aradas*) que servio de capa, lá no principio da Liberdade aos Barbaros Mouros, que nelle se escondião, quando perseguidos do valerozo Moninho Viegas, nas batalhas que lhe deo em Villa Boa do Bispo. . . . Neste monte se conservão ainda alguns monumentos que por razão dos tempos, e outros mais principios se achão prostradamente demolidos. No qual se erigio Ermida de Santiago. . . .» (Tomo iv, fl. 504).

48. Arnoya (Entre-Douro-e-Minho)

Inscrição sepulchral latino-portuguesa. — Buraco dos Mouros

«Ha nesta Freguezia hum Mosteiro; he de Religiosos Benedictinos, cõ seu Prollado Triennal, e cõ elle fazeem o numero de quinze Monges; Foi fundado por Deus Monio Monis, como se collige de hũ Epitaphio da sepultura do dito Monio Monis; escripto no anno de mil settenta e dois:

VITA FUNTUS DOMINUS MONIUS
NIUS MONIS HIC JACEC IN SUO MONASTERIO,

(Tomo vi, fl. 551)

«Tem hũ Fojo no lugar e Sitio dos Veiros, a que o vulgo chama *Buraco dos Mouros*». (Tomo iv, fl. 557).

49. Arvore (Entre-Douro-e-Minho)

Vestigios de sepulturas dos cavalleiros de Malta

«globem se prezume ter sido tumulo de pessoas illustres, porquanto vindo em vizita o Ex.^{mo} e R.^{mo} Senhor Dom Frei Jozé Maria Evora, Bispo do Porto, de glorioza memoria, e mandando, por

justos motivos, demolir o alpendre ou cabide que estava junto á porta da Igreja, executando-se esta ordem de tão egregio Prelado no anno de 1748; se descobrirão no pavimento e allicerses das paredes varias sepulturas huas mayores, e outras menores, com tampas de pedras, sem inscripção alguma; mas em todas gravadas a Cruz que tem por diviza a sagrada Religião de Malta, e outras figuras de differentes riscos abertos que mostram ser insignias particulares, ainda que hoje occultas ao nosso conhecimento por cujos indícios se conjectura ser o referido lugar jazigo de alguns cavalleyros daquelle esclarecida Religião, conservando-se ainda para memoria, no adro da Igreja as mesmas pedras». (Tomo IV, fl. 694).

50. Atei (Trás-os-Montes)

Vestígios de muros e casas

«.....em muitos outeiros pouco accessiveis apparecem vistígios de muralhas, e principalmente em os dos Palhaes e Mesquita aonde appareceu vistígios de muros e casas;.....»¹ (Tomo V, fl. 747).

51. Avidos (Entre-Douro-e-Minho)

Tradição

«Não tem de antiguidade nem de especial memoria se sim huma tradição vulgar que correm entre as pessoas desta freguezia de que por baixo do altar da capella de São João se acha huma columna, aberta por dentro, cuberta com hum prato de pedra, sem que se saiba o que nella se encobre; e dizem vulgarmente que antigamente a quizera examinar hum Parocho desta freguezia e que de repente ficara «ego, valha a verdade». (Tomo V, fl. 897).

52. Azeitão (Extremadura)

Notícia de inscripções. — Lapa

«Alguns Letreiros que se conservão em sepulturas de pedra na capella mor desta freguezia se deixa ver foi esta terra habitada de pessoas muito illustres». (Tomo V, fl. 968).

«Ha nesta Serra a Imagem de N. Senhora de Arrabida, muito milagrosa, e a Lapa de Santa Margarida, que he hua concavidade digno de admiração, em que esta o altar da sancta debaixo de hum

¹ Cfr. P.º Cardoso, *Dicc. Geographico*, 4, 656.

grande monte, resguardado com sua grade de páo, junto ao dito altar se acha hum fuma, na dita Lapa se acomoda o sirio do Seixal; e tem algumas columnas, que sustentam o tecto desta Lapa feitas pela natureza; cervindo lhe de entrada pela parte do mar hum boqueirão donde chegam embarcações pequenas, e outra da parte da Terra com hũa escada de pedraria que terá des ou doze degraus. (Tomo v, fl. 972)¹.

53. Azinhoso (Trás-os-Montes)

Inscrição portugueza

«.....hum Letreiro de Letras goticas e antigas que se acha em hum arco de cantaria que servia de adorno a hum carneyro de sepulchro de cantaria.....e ainda no dito arco se conservam as ditas Letras que vestem o mesmo arco em roda, e justando por varias vezes alguns homens doutos pára as ler, nunca achey quem as lesse, poreu eu (o Parocho abayxo assignado) pello desejo que tive de as ler contínuey frequentando a deligencia por repetidas e multiplicadas vezes, e li nellas o seguinte:

AQUI JAZ JOÃO LUIS DE MADUREYRA, VIGARIO GERAL
DO SENHOR DOM FERNANDO, ARCEBISPO DE BRAGA.²

(Tomo v, fl. 1040).

54. Azões (Entre-Deuro-e-Minho)

Cronico

«Ao pé desta capella, e lugar de Sobradelo, para a parte do Sul, está hum alta penhedia, e logo ao pé desta hum plano onde antigamente se virão fraumentos (*sic*) de tijolos; a este cithio chamão os payzanos o *redouço* que creyo he voccabulo corruuto de Reducto, os natúraes assim o entendem; Porem não ha memoria de que em nenhum tempo fosse construido por arte, mas desta circumstancia inferem os ditos Payzanos fora algum dia Castello dos Francos, que dizem habitavão antigamente neste monte segundo a tradição que entre elles corre; este Redouso ou Reduto fica descobrindo para a parte do sul todo o valle de Penella.....» (Tomo v, fl. 1061).

¹ [Não ha motivos para se dizer que algumas das grutas mencionadas nesta serie, como, por exemplo, a de Santa Margarida, sejam archeologicas; todavia mencionam-se, para que algum dia sejam exploradas, e então se saiba ao certo que titulo lhes pertence, se o de prehistoricas, se o de meramente natúraes. — J. L. m. V.]

² O *Dicc. Geogr.*, t. 740, traz apenas: *Aqui jaz Luiz Annes de Madureira.*

55. Baldreu¹ (Entre-Douro-e-Minho)

Estrada militar romana

«.....Cham de Portella de Homem (Neste sitio se achão varios padrões romanos)—aqui se fas a divisão de Portugal e Galliza se passa a via militar da Geira que edificou Vespesiano a qual corria de Braga para a Astorga aqui se achavão gravissimas quatro pontes romanas chamadas Ponte do Arco, Ponte de Monção, Ponte de Alvergaria, Ponte de S. Miguel. Estas quatro pontes ficão todas no espazo de meya Legoa, e neste piqueno espazo passava se quatro vezes a via militar o rio Rio Homem, oje das tais pontes existem somente os nomes porquanto no anno de 1642 a gente do Conselho de Bouro as derubou em razão da mayor segurança a respeito das guerras que se moverão com Castella». (Tomo VI, fl. 93).

56. Balazar (Entre-Douro-e-Minho)

Castro

«Não tem mais de que se faça menção, so sim abonde esta çituada a hermda de Santa Marta de que asima faço menção haver huns vallos grandes de terra redondos a modo de fortalezas e nelles ahinda apparesem algunas pedras pequenas mas bem lavradas, terão estes vallos de comprido seiscentos passos e de largo outro tanto, ha tradição que algum dia fora habitação de mouros e delles se descobre para todas as partes do poente, nascente, norte, sul, mais de dez legoas»². (Tom VI, fl. 70).

¹ O parochio diz: «está situada no meio de hu monte ou para millhor dizer de hu valle—nome mais proprio que supenho seria esta a causa de se chamar Valldreu». Não é muito provavel; ha no norte do país muitas povoações com a terminação *eu* e *ei*, que provêm de *-edu* e *-edi*. O nome primitivo poderia ser Balderedu (no *Port. Mon. Hist., Díp. et Ch.*, pag. 89, vem um individuo com o nome Balderedo, no anno 984). O mesmo se dá com Guilharedu (Villabredu). A terminação *-ellos* que se encontra nalguns nomes de povoações, como *Barcellos*, *Gondifellos*, *Muncellos*, *Grimuncellos* e *Vasconcellos* parece denotar diminutivo. *Vasconcellos* que se tem pretendido derivar de *Vasco Gonçalves*, por intermedio de *Vascogoncellos*, que se encontra realmente, se não é uma etymologia popular, parece provir de **Vasconicellos*, derivado de **Vasconici*, por sua vez derivado de *Vascones*, conservado, com mudança de accentto, em *Vasões*.—[Já ha muito tempo me tinha tambem occorrido, attenta a facilidade da explicação phonetica, o parallelismo entre *Vasconcellos* e **Vasconicellos*, de *Vasconici*; mas a fórma antiga *Vascogoncellos*, que parece ser realmente a immediata anterior de *Vasconcellos*, faz suppôr que não é aquella a verdadeira etymologia.—J. L. de V.].

² Cfr. *Dict. Geogr.*, II, 18.

57. Balagães (Entre-Douro-e-Minho)

Fragmento da inscripção da sagrada da Igreja. — Crastos

«He esta Igreja sagrada, como consta de huas palavras esculpidas nas pedras da porta principal: SACRAVIT ISTAM ECCLESIAM». (Tomo VI, fl. 125).

«Toda esta freguezia está situada nas fraldas de hum monte chamado Carbona ou Caramona, ficando este da parte do Poente, e aquella da parte do Nascente; neste Carbona ou Caramona esteve antigamente hũa cidade de Mouros; e ainda hoje nelle se divizão os vestigios de algumas casas e muros:.....»¹ (Tomo VI, fl. 126).

«Na fralda deste monte Carbona para a parte do sul esta hum pequeno (*sic*) chamado o Monte dos Crastos, neste haverá 54 annos appareceo Nossa Senhora a hum mentecato:.....» (Tomo VI, fl. 126).

58. Barcellos (Entre-Douro-e-Minho)

Inscripção latina, moderna

«.....Foi instituida esta capella (*de S. Bento*) pelo Dr. Gaspar Pinto Correa, Conego, Cura da Insigne Collegiada desta villa, bem conhecido Heroe que nesta villa floreceo pelos annos de 1660, tempo em que fundou a dita Capela, e nella está sepultado em Campa raza que foi aos 4 de Mayo do mesmo anno, e na sepultura mandou por o Epitaphio seguinte:

HIC JACET, HIC TACITUS LOQUITUR SINE VOCE MAGISTER.
MULTA LOQUENDO DEDIT PLURA TACENDO DOCET.
MULTA DEDIT CALAMO ET LINGUA DOCUMENTA PER
ORBEM, SED MAJORA BREVIS DAT DOCUMENTA LAPIS.
QUI MALE VIXIT ERIT POST MORTEM MORTUUS IDEM.
POST MORTEM VIVUS SI BENE VIXIT ERIT.
ARS BENE VIVENDI ET MORIENDI EST UNA
VIATOR... IN AETERNUM VIVERE DISCE MORI.

(Tomo VI, fl. 237).

59. Barcos (Beira)

Cabeço dos Mouros. — Notícia de sepulturas

«.....Tem huma Igreja que he Parochial da Freguezia de Py-nheyros chamada a Igreja de nossa Senhora de Saboroço sita em

¹ Cfr. *Dicc. Geogr.*, II, 27.

Lugar Ermo juncto de hum monte e cabeça e ha noticia que em este cabeça assistirão os Mouros, e tam antiga que fô a Parochial desta freguezia de Barcoz e de outras asim vezinhas, e distantes, pois ali se mandavão e vinhão sepultar varias pessoas, ao parecer illustres, como se ve nas insignias e armas que se achão gravadas nas pedras das sepulturas tanto dentro da Igreja, como na grandeza do seu Cemiterio. . . . »¹ (Tomo VI, fl. 296).

60. Barreiro (Beira)

Inscrição em signaes desconhecidos. — Ponte romana. Investigadores de thesouros. — Castro

«Tem esta Ermida (*da Senhora Verde ou da Ribeira, e mais tarde do Rozario*) na porta principal em hũa pedra que esta no meio do portal, quando se entra á man esquerda humas Letras que se dis serem mouriscas para mostrar sua antiguidade que constando só de contro tem os caratheres seguintes:

I. M. A. 7.

donde se ve e prova sua antiguidade. . . . »² (Tomo VI, fl. 344).

«E porque me occorre huma memoria que me dizem nam vay descripta na freguezia do *Guardam* a meterci aqui, visto estar no rio, ou principio do rio que do Carambo vem a este lugar da Tojoza e hé que junto ao seu principio entre a pouoa de *Pedrogo* e lugar das *Lacciras* está em hum Ermo hũa fonte memoravel pello artificio que tem lavrada e com seus letreiros para enja fabrica ha varias opinioens; porque hums dizem fora fabrica dos romanos, outros dos Mouros que assistiram muitos nestas terras, e aqui tiraram muitos metaes especialmente ouro, prata e estanho de que deyxaram grandes Thezouros, de que muitos se tem aproveitado, e o mostram os fossos, e muitos indicios que nesta freguezia se admiram, e nas circumvizinhas, abrindo se brechas em pedras marmores que elles sem duvida por arte diabolica fazião, donde se tem achado neste districto: outras se acham sem nada. Sendo que o mais certo sobre a dita fonte — he — que certa pessoa Nobre dos confins da Serra da Estrella por fugir ao rigurozo do castigo que seus crimes mereciam veyo para este dezerto, e serra e como fazia habi-

¹ Cfr. *Dicc. Geogr.*, II, 48.

² Estes signaes tem grande semelhança com os seguintes caracteres arabes [I M A] que significam «1386». Este numero só pode representar o anno de Christo ou a era de Cesar, pois actualmente (1896) estamos no anno 1313 da hegira.

tagam junto aquella fonte quis eternizar sua memoria com a fabrica della, e com os caratheres e letreiro que nella deixou¹; não sei mais cousa de memoria desta freguezia só sim que foy habitada de Mouros, e o mostram as apparencias de huns circulos que se acham sobre o lugar da *Tojosa* em tres outeiros: o primeiro chamado a *cabeça*, outro a *Fervença*, junto ao porte do Crasto, outro defronte aonde chamam a *Panasqueira* que todos tem indicios de terem sido murados: ou fosse dos Mouros ou dos christãos que para se defenderem subiam a estes sitios e nelles habitavam, o que mais creyo;.....» (Tomo VI, fl. 347).

61. S. Bartholomeu (Alemtejo)

Ponte romana

«.....na ditta ribeyra (*de Caya*) se acha huma — Ponte — por nome — Ponte Velha — cuja antiguidade se não sabe, porem suponsse fora feita no tempo, que os Romanos habitaram as Espanhas, dizem fora feita pello Emperador Trajano com huma calçada que se dis hia direitta a Madrid que pella mesma freguezia se descobrem em algumas partes muita parte da calçada: esta a ditta ponte aruinada que tam somente tem tres arcos, e segundo parece era de extraordinaria grandeza; a factura della de pedra de cantaria e está por numero encaxando humas pedras e noutras sem que houvessem materiaes alguna segundo se descobrem nos tres Arcos, que ainda presentemente conserva; igualmente eram os alicerces a correspondencia da factura da mesma ponte, passa a dita Ribeyra como ja disse pello meyo dos Baldios.....» (Tomo VI, fl. 412).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Antas e castros do concelho de Alijó

Ao lado direito da estrada real do Populo para Alijó (antiga districtal n.º 17), a 300 metros, no sitio chamado Fonte Coberta, no termo de Villa Chã, descobre-se a anta de que aqui se dá uma gravura,

¹ O P.º Carvalho da Costa, *Corographia Port.*, II, fl. 192, diz ser este fugitivo o pretendente D. Antonio, Prior do Crato; e o parcho de Guardão, que fala na fonte, affirma estar gravada nesta o anno 1580. O caso, porem, não é plausivel.



feita segundo uma photographia tirada no dia 29 de abril proximo pelo meu amigo Francisco A. Martins, muito digno guarda-livros do Banco de Villa Real, a quem, os que se interessam por cousas antigas da provincia de Tras-os-Montes, devem esta photographia e mais tres outras das antas do Carrazedo do Alvão, aonde teve a amabilidade de me acompanhar, assim como á Chã.

Este dolmen apresenta-se com os restos do *tumulus* ainda bastante pronunciados para o sul, com uma mesa formada por uma enorme lasea que sobressae 0^m,3 a 0^m,4 em toda a extremidade superior da construcção, como se vê da photographia, e era constituido por oito esteios, dos quaes estavam em pé seis, e dois tombados (o da porta, ou melhor, entrada, e o segundo á direita). A altura dos esteios regula por tres metros, e dá-se a circumstancia da mesa assentar apenas em tres d'elles, ficando entre os outros tres e aquella um espaço de 0^m,25 que devia ter sido cheio por pedras mettidas de permeio. A largura dos esteios é de 1^m,50 a 1^m,80.

Explorada a crypta com todo o cuidado, nada se encontrou alem da extremidade estreita de um machado polido de schisto avermelhado.

Esta anta foi devassada e explorada pelos lavradores com o fim de encontrar *thesouros encantados*. É possível que nos restos do *tumulus* se encontrassem alguns objectos que os aldeãos desprezassem. Não se encontram na veiga da Chã outros dolmens nem vestigios, o que é devido muito provavelmente á altura dos terrenos da grande planura que circunda por todos os lados a anta.

Nesta região existem outros dolmens em varios pontos sendo dignos de menção e exploração tres em Villarelho, termo de Aljô e dois ou tres nas proximidades de Carlião.

Alem das antas merecem a attenção dos archeologos muitos *castros* que por aqui abundam, sendo mais importantes os de Villarelho, Bormeira, Castorigo, Populo e Valdemil.

Neste castro encontrei á superficie da terra um machado de schisto negro, e vi alem de varias mós de moer grão, tijolos, uma pedra cylindrica de granito da grandeza e fórma de caixa de rufo, objectos encontrados ao plantar-se uma vinha no sopé do castello, a nascente. O dono da vinha informou-me de que por varias vezes se tem encontrado no predio d'elle, e noutros, algumas moedas de cobre romanas.

Villa Real, 13 de Maio de 1896.

HENRIQUE BOTELHO.

Bibliographia ¹

MILLIARIOS DO CONVENTVS BRACARAVGVSTANVS EM PORTVGAL. — reliquias de epigraphia romana, trasladadas dos proprios monumentos pelo P.^o Martins Capella, Professor do Lyceu de Vianna-do-Castello. Porto 1895, 272 pag.

Ha uns annos a esta parte tem-se manifestado em Portugal certo movimento no campo da Archeologia: começaram-se, e com muito brilho, os estudos prehistoricos; procedeu-se a numerosas excavações em todas as provincias do país; fundaram-se alguns musens em várias cidades e villas; publicaram-se revistas especiaes: quasi todos os ramos da Archeologia estão sufficientemente representados. Isto é bom symptoma de renascimento social, porque a vida de um povo não depende só das condições economicas, mas tem tambem importante base nas condições scientificas.

O Sr. P.^o Martins Capella, professor no Lyceu de Vianna-do-Castello, contribuiu do seu lado para activar este movimento com a publicação do livro intitulado *Milliarios do Conventus Bracaravgustanus em Portugal*, que foi apresentado á Academia como título de candidatura do seu Auctor a socio correspondente.

Divide-se o livro em tres capitulos: um, faz de prologo; outro serve de introdução, pois contém umas generalidades de historia e epigraphia; outro encerra a descripção dos marcos milliarios. Alem d'estes tres capitulos, a obra tem ainda umas páginas que lhe servem de remate, com addições e correções.

CAPITULO I. O Auctor, no prologo, expõe o plano da sua obra, as circumstancias em que a escreveu, e as razões porque se dedicou á Archeologia. Nascido na região do Gerês, onde, desde criança, contemplou as velharias da via romana da Geira; educado no latim por sacerdotes que lhe encheram de «feitiços» classicos a imaginação; tendo vivido, durante a infancia, no poetico mundo das lendas das Moiras encantadas, e posteriormente entregue ás leituras do Brito e do Argote: achou-se pouco a pouco possuido da paixão archeologica, que se exacerbou quando na Bibliotheca Municipal do Porto poud compulсар e estudar a parte do *Corpus Inscriptionum Latinarum* que se refere á Peninsula Hispanica. D'esta paixão resultou agora, como primeiro, mas sazonado fructo, o livro cujo titulo se apontou a cima.

¹ Paracer apresentado á Academia Real das Sciencias de Lisboa.

CAPITULO II. Este capitulo consta de quatro paragraphos:

§ 1.º—Viação romana—, ou noticia geral á cêrca dos marcos milliarios e da construcção e especie das vias romanas,—noticia baseada em parte no estudo do país.

§ 2.º—Hispania romana—, ou considerações summárias sobre a romanização da Peninsula.

§ 3.º—Bracara Augusta—, ou descripção bastante minuciosa do trajecto provavel das estradas militares que partiam de Bracara na epocha romana, e que eram quatro ou cinco: uma (ou duas) por onde se ia a *Lucus Augusti*, isto é, Lugo; duas por onde se ia a *Asturica Augusta*, isto é, Astorga; outra por onde se ia a *Scallabis Praesidium Julium*, isto é, Santarem.

§ 4.º—Epigraphes—, ou explicação de algumas fórmulas que se encontram nas inscripções.

CAPITULO III. Este capitulo é que constitue propriamente a obra, porque é nelle que o A. descreve os marcos milliarios e estuda chronologicamente as inscripções. Subdivide-se em vinte e cinco paragraphos, correspondentes a outros tantos imperadores romanos. Cada paragrapho é precedido de uma pequena introdução com a biographia do respectivo imperador. As inscripções estão copiadas com todo o cuidado. O Sr. Martins Capella foi aos locais onde ellas existem, examinou-as detidamente, notou-as, mediu-as, enfim, cumpriu todos os preceitos que se exigem nos estudos da Epigraphia. Muitas das inscripções não haviam ainda sido archivadas no *Corpus Inscriptionum Latinarum*, o que realça em muito o valor do livro, que assim ministra elementos novos para a historia da epocha romana em Portugal, principalmente no que se refere á viação.

Algumas breves observações se podiam fazer, contudo, em certos pontos. Assim, o paragrapho sobre a *Hispania Romana* é resumido de mais, e ha pouca precisão no que se diz da área geographica da Lusitania a pag. 45; o A. tambem não refere datas que orientem o leitor. O paragrapho sobre *Bracara* podia ser muito mais amplo, não obstante querer o A. insistir sobretudo na parte epigraphica.

Porém estes e outros senões analogos não desvirtuam em nada o trabalho valiosissimo que o Sr. Martins Capella acaba de prestar á sciencia portuguesa. Inteligente cultor da Archeologia, e ao mesmo tempo escriptor elegante, o Sr. Martins Capella, que andou percorrendo á sua custa os montes e os valles do Norte do país, unicamente movido do interesse de bem servir a sciencia e a patria, e que por fim condensou num livro claro, que se lê com prazer e com proveito, o resultado das suas laboriosas e conscienciosas investigações, apre-

sentadas singela e modestamente, sem alardes de erudição inútil, e inspiradas nos methodos modernos, tem, no nosso entender, todo o direito de receber o diploma de socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Sala das sessões da Academia, em 28 de Maio de 1896. — *Antonio Candido Ribeiro da Costa* — *A. C. Teixeira de Aragão* — *J. Leite de Vasconcellos*, relator.

A Exposição de Vianna do Castello

A nossa Exposição de Arte Ornamental retrospectiva permaneceu aberta de 17 de Agosto a 26 do mez seguinte de Setembro.

Nas seis salas do palacio da Escola Industrial se arrumaram as diversas secções dos objectos do districto, todos expostos pela primeira vez, alguns de bastante raridade.

Apontaremos succintamente os mais notaveis.

A ourivesaria sacra appareceu bem representada, chamando a attenção:

— O grupo de custodias das villas dos Arcos de Val de Vez, Monção, Ponte de Lima e freguesias de Pias, Covas, Perne, S. Martinho da Gándara e Santa Maria de Vinha de Areosa, todas do seculo XVII, no genero de *ciborios*, desde a monumental de Monção, que embora na altura seja inferior á de Val de Vez, pois apenas mede 0^m,95, lhe sobreleva na traça e execução; a unica datada é a de Areosa, a mais singela de todas, e que no rebordo interno da copa apresenta o anno de 1655.

— Os dois calices dos Mareantes, de Caminha e de Vianna são ambos um primoroso trabalho nacional do primeiro quartel do seculo XVI, aquelle talvez um pouco mais antigo que este nosso; em volta da copa mostram uma inscripção adequada ao sacrificio da missa, tendo a patena no centro uma rodella movel com o *Ecce-Homo* em busto nigellado sobre um esmalte verde, circumdado tambem por uma legenda.

Estes calices resentem-se do pouco cuidado com que se servem d'elles, e devido ao grande peso que teem e aos volumosos castellos do meio da hoste, que difficultam o seu manejo.

— Um pequeno relicario de prata dourado, com um espinho da coroa de Christo; a parte principal pertenceu outr'ora a um triptico gothico, adaptando-lhe no seculo XVII um pé, o remate crucial e tenen-

tes lateraes com pingentes; a pureza do estylo e o minusculo allemão dos lettreiros no-lo fazem reputar do seculo XV.

— A cruz processional da freguesia de Covas, no concelho de Caminha, com os remates em flor de lis e lobulados do seculo XVI, sobre um monstruoso castello com seus botareus e tintinabulos, mas já deturpado na reforma posterior.

— As cruzeiras de Carrêgo e Portella Suzã são dous bellos modelos da Renascença.

— Uma naveta em forma de galeão.

— A *porta-coeli* ou *port* da capella de Sabbadão, obra hespanhola dos fins do seculo XVII.

— Um cofre de prata estampada, estylo mosarabe, com labores no genero do ferrolho da porta do Perdão em Córdoba, assentes as laminas sobre tartaruga, e que me pareceu trabalho do seculo XV ou mesmo do XIV.

— E dos outro cofre do mesmo metal com os requintes de estylo fins do seculo XVII, exemplar excellente.

A ourivezaria profana apresentava alguns modelos, sem grande merecimento artistico, mas dignos de exame, especialmente:

— Um grande prato redondo de prata dourada, trabalho rebatido de origem allemã, no centro com um medallhão de rosca com o escudo de armas dos Henriques de Castella e dos Vasconcellos. Faz jogo com um grande gomil da epocha de Luiz XIV, bastante elegante, assa bem lançada, e com labores de cercadilho pelo bojo; deve ser mais moderno que o prato, e ambas peças puramente decorativas.

— Um toucador de viagem, de prata defumada, composto de 22 peças finamente buriladas, que julgamos dos fins do seculo XVII, e de igual origem ao anterior.

— Uma grande concha de prata, de baptisterio, com a marca maltesa, ostentando um brazão com as cinco estrellas do Grão-Mestre portuguez Manuel Pinto da Fonseca.

De joalheria apenas um pequeno mostrador no centro da primeira sala, com aneis, medalhas, relogios, broches, pulseiras e collares de brilhantes, diamantes, esmeraldas, topasios, ametistas, crisolitos e pedras finas, sobresahindo um antigo laço de filigrana de ouro, nacional, talvez do meado do seculo XVII, como o denuncia o lapidado das pedras.

Na segunda sala dispostas pelas paredes, sobre os contadores hispanhoes e credencias, bellos modelos de faiança nacional das extintas fabricas de Lisboa, Coimbra, Porto e Vianna, desde o começo do seculo XVII ao meado do actual; tornou-se notavel a colleção da nossa

fabrica de Darque composta de 255 peças, de bastante estimação e das mais raras que conhecemos, desde a meia porcelana, de extrema tenuidade à modelagem imitativa da cerâmica franceza de Ruão e Monstiers, não só com o azul intenso de Delft, mas mesmo com execução polychroma, tratada em bonitas cambiantes, especialmente pelo amarello tostado e verde vegetal, que caracterisou a faiança viannense.

Demais um grande depósito de agua benta, formando a taboa um portico de columnas torsas com seus anjos, que consideramos da mão do *Brissot*, de Coimbra, com a data de 1659 na penha de S. Francisco.

Ainda devemos mencionar uma dúzia de pratos, imitação do Japão, de um esmalte compacto de tom lacteo, com os desenhos a azul e roxo, que cremos de fabricação portugueza dos meados do século XVII (1638-1690).

No meio da sala das faianças armaram os medalheiros com duas colleções de numismática de Portugal e possessões, desde o morabertino aureo de D. Sancho á barreta de Moçambique. Algumas medalhas e poucos bronzes romanos.

Na sala grande e na immediata apparatuso mobiliário de pau santo, colchas da India bordadas a matiz, ouro e ponto de cadeia, boas telas e trophéus de reliquias historicas nas paredes: destacavam-se um contador hispano-arabe, dois grandes armarios, sendo um do século XVI, uma arca tambem de respeitavel idade, quadros gothicos de talha e tela, e no centro da quarta sala um galeão dos fins do século XVI, pertencente aos mareantes d'esta cidade.

Bronzes poucos: um padrão de pesos de 1499, uma lápide e brazão de Tavoras, de 1615, dois machados typo grande do Minho, dois soberbos candelabros, estylo Imperio e um relógio da mesma epocha.

Na sala da *India* agglomeravam-se os preciosos objectos orientaes, colchas da China, as mais valiosas, pratos de todas as dimensões, de mimosos e relevados coloridos, vivos e metallicos, abundando entre elles os symbolicos chrysanthemos da apreciada porcelana japonesa.

Na ultima sala estavam os paramentos e mais indumentária sagrada, distinguindo-se pela sua antiguidade duas casulas e uma capa de asperges, de gosto gothico, como as da Sé de Portalegre, e seriam preciosas se não se apresentassem tão deterioradas; um lindo frontal de gosto persa, varias imagens de marfim e esculpturas em miniatura, certamente orientaes.

Nas estantes, cavalletes e mostradores exemplares de livros raros e alguns pergaminhos; d'aquelles citaremos o *Theatro del Orbe de la Tierra*, de Abrahão Ortelio, magnifica edição antuerpina de 1602, e d'estes o Feral dado pelo rei D. Manuel á nossa Villa da Foz do Lima.

Finalmente um pequeno cofre de ferro rendilhado, trabalho hispanhol de Toledo, que deve contar os seus quinhentos annos.

Em summa, a Exposição não apresentava muitos objectos, pois o *indicador* ou guia que apressadamente escrevemos consta apenas de 454 numeros, porém na sua maioria eram dignos da attenção do amator, e julgamos que os seus quatro mil visitantes foram bem impressionados; organizada em seis dias não houve tempo de percorrer o districto para remover certas difficuldades na obtenção de outros exemplares que nos pareceram dignos de figurar no certamen.

Agora trata a Commissão de reproduzir pela phototypia os objectos mais notaveis, acompanhando este album com o respectivo catalogo, que deverá apparecer nos principios do proximo anno.

Novembro de 1896.

L. DE FIGUEIREDO DA GUERRA.

Museu em Villa Real

N-O *Archeologo Português*, I, 37, sqq., publiquei um programma para se fundar um museu regional em Villa-Real de Tras-os-Montes, e chamei a attenção da Ex.^{ma} Camara Municipal d'aquelle concelho para o assumpto. A ideia de se organizar em Villa-Real uma collecção archeologica já porém tinha sido formulada em 1888 pelo procurador á Junta Geral do districto, o Sr. José Homem, como consta da seguinte noticia que ultimamente li no *Progresso do Norte*, de 28 de Novembro de 1888:

A Junta Geral, em sessão de 20 de Novembro, «approvou tambem por unanimidade, sob proposta do mesmo procurador, que na distribuição das salas do edificio em construcção da Junta Geral d'este districto se reservasse uma sala, para nella se criar um museu archeologico districtal».

Mas nem Junta nem Camara nada por ora fizeram ainda.

J. L. DE V.

AVISO

Pedimos a todos os assignantes em divida a finesa de mandarem satisfazer, com a possivel brevidade, as suas assignaturas, em carta registada ou em vale de correio, a fim de não soffrerem interrupção na remessa dos numeros seguintes.

Lembramos que toda a correspondencia nesse sentido deve ser dirigida, não ao redactor d'esta revista, mas a **J. A. Dias Coelho, Imprensa Nacional.**

EXPEDIENTE

O *Archeologo Português* publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in-8.º, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

Anno	14500 réis.
Semestre	750
Numero avulso.....	160

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a J. Leite de Vasconcellos, para a *Bibliotheca Nacional de Lisboa*.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importância em carta registada ou em vales de correio, ser dirigida a J. A. Dias Coelho, para a *Imprensa Nacional de Lisboa*.

À venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.